



## O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo

*Children's drawing as sensible listening in the research with children: restlessness, invention, and transgression in the development of the world*

Luciane Goldberg<sup>1</sup>  
Ana Maria Monte Coelho Frota<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo nasceu das discussões geradas a partir do encontro dos poemas de Manoel de Barros com diversos olhares teóricos sobre a infância. Buscando desconstruir a perspectiva de infância única e de crianças abstratas, dialogamos com estudiosos como Heywood (2004), Kohan (2007), Cohn (2005), Sarmiento (2001), Leite (2008), Ferreira (2008), Francischini Campos (2008, 2012), Gobbi (2002), Dermatini (2002), Corsaro (2009), Delgado e Müller (2008), Rocha (2008), Gouvea (2008), dentre outros. Discutimos acerca da necessidade da escuta da criança, compreendida como um sujeito de direitos, competente e cidadã. Privilegiamos o desenho infantil como via de acesso para uma pesquisa *com* as crianças e não *sobre* elas. Dividimos nossas reflexões em três momentos: um inicial, que abordará reflexões acerca das variadas leituras sobre criança e infância; um segundo, que tratará de questões metodológicas na pesquisa com crianças; e, por último, uma reflexão acerca da importância do desenho infantil como porta-voz do universo delas. Afirmamos que se torna necessário repensar a infância a partir de outros quadros de referência, propondo um resgate da autonomia das crianças através da apropriação dos seus discursos. Concluimos que a criança possui uma cultura própria, e que, portanto, a expressa por meio da linguagem e dos símbolos, se constituindo como um ser singular que busca seu espaço na sociedade.

**Palavras-chave:** criança; infância; pesquisa com criança; desenho infantil.

### Abstract

*This article was born of discussions generated from the dialogue between Manoel de Barros' poems and diverse theoretical perspectives on childhood. Seeking to deconstruct the perspective of only childhood and abstract children, we dialogue with scholars as Heywood (2004), Kohan (2007), Cohn (2005), Sarmiento (2001), Milk (2008), Ferreira (2008), Francischini Fields (2008, 2012), Gobbi (2002), Dermatini (2002), Corsaro (2009), Delgado and Müller (2008), Rocha (2008), Gouvea (2008), among others. We discuss about the need of listening the child, understood as a subject of rights, competent, and citizen. We favor the children's drawing as an access route to a survey with children and not about them. We divide our reflections in three stages: an initial, which will address various reflections on the readings on children and childhood; a second that will address methodological issues in research with children; and, finally, a reflection on the importance of children's drawing as a children's universal language. We affirm that it is necessary to rethink the childhood from other frameworks, proposing a rescue of children's autonomy through the appropriation of their speeches. We conclude that the child has its own culture, and that, therefore, expresses it through language and symbols, constituting as a singular being who seeks his place in society.*

**Keywords:** child, childhood, research with child, children's drawing

### 1 Introdução

Este artigo nasceu das discussões geradas a partir do encontro dos poemas de Manoel de Barros com diversos olhares teóricos sobre a infância. Trazer a delicadeza e o caráter lúdico de Manoel de Barros, a subversão dos sentidos na valorização das coisas ínfimas, desperta para outro tempo-espaço: o da beleza, o da poesia, o do encantamento, o da

<sup>1</sup> Doutora em Educação Brasileira, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia, Mestre em Educação, Professora da Universidade Federal do Ceará, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira.

Contatos: lugoldberg@hotmail.com; anafrota@ufc.br

atenção para a delicadeza do cotidiano, pois, “quem é *quando* criança a natureza nos mistura com as suas árvores, com as suas águas, com o olho azul do céu. Por tudo isso que eu não gostasse de botar data na existência. Porque o tempo não anda pra trás” (BARROS, 2006).

Refletir sobre a infância à sombra dos galhos das árvores de palavras de Manoel de Barros é um presente. É preciso buscar o encantamento cotidiano nos espaços acadêmicos, percebendo a sabedoria poética, prene de levezas e incertezas. Porém, como manter o rigor na pesquisa acadêmica encharcando-a de beleza e delicadeza?

Nesse desejo de impregnar a academia com esse frescor poético de Manoel de Barros, temos como objetivo desenvolver um breve ensaio teórico sobre a importância do desenho infantil como expressão singular e original da criança, tendo em vista a participação desta como parte ativa da pesquisa, e não como um objeto como a ciência a tem tratado por muitos anos em diferentes domínios do saber. Neste horizonte, sentimos necessidade de delinear uma breve trajetória histórica que levou a essa preocupação da pesquisa na área das ciências humanas, de entender a criança e seu mundo a partir de seu próprio ponto de vista.

Assim sendo, este artigo se divide em três momentos: um inicial, que abordará reflexões acerca das variadas leituras sobre criança e infância, na perspectiva de compreender tais construções históricas; um segundo momento, que abordará questões metodológicas na pesquisa com crianças para salientar a importância do desenho infantil como forma expressão e de elaboração cultural; e, por último, uma reflexão teórica acerca da importância do desenho infantil como porta-voz do universo das crianças, espaço em que representam o que pensam, sentem e querem dizer, desconstruindo a ideia de que a criança é um ser passivo, ou um adulto em miniatura, que tem como objetivo de vida apenas preparar-se para a vida adulta, pois “a criança não sabe menos, sabe outra coisa” (COHN, 2005, p.35).

## 2 Múltiplas leituras e compreensões sobre crianças e infâncias

Após mergulhar em tantas leituras em torno da compreensão de infância e de criança, algumas proposições tornam-se muito claras. No decorrer da história, vários estudos nas mais diferentes áreas do conhecimento, buscaram explicar e definir a infância. Primeiramente, trazendo a perspectiva de que a infância se constitui em uma fase inicial da vida em que a criança é um ser incompleto, inacabado, ausente de responsabilidade e de autonomia. Portanto, naturalmente dependente do adulto.

Kohan (2007) traz a origem etimológica da palavra infância, que provém de *infans*, denotando um indivíduo de pouca idade e que se caracteriza por aquele incapaz de falar, associado a uma falta, inscrita numa incapacidade. Afirma:

Percebemos então que a etimologia da palavra “infância” reúne as crianças aos não habilitados, aos incapazes, aos deficientes, ou seja, a toda uma série de categorias que encaixadas na perspectiva de que elas “não têm” são excluídas da ordem social. De maneira que a infância está marcada desde a sua etimologia por uma falta não menor, uma falta que não pode faltar, uma ausência julgada inadmissível, a partir da qual uma linguagem, um direito e uma política dominantes consagram uma exclusão. Por razões de uma falta, a infância ficou de fora, como igual aos deficientes, estrangeiros, ignorantes e tantos outros faltosos (KOHAN, 2007, p. 41).

Pelo fato de a criança ser vista historicamente como um ser deficiente e totalmente subordinado ao adulto, a infância certamente se configurou como uma área de pouco interesse para estudos e pesquisas no passado. Portanto, pouco se sabe sobre as crianças de outrora que não a visão que os adultos constituíram sobre ela, assegura Heywood (2004).

A dependência da criança traz consigo a crença de que ela é propriedade dos adultos, os quais teriam autoridade para controlar e decidir suas vidas, o que verdadeiramente vem acontecendo na nossa realidade social e histórica. Além desta perspectiva apresentada, convivem a visão da criança como um ser incompleto e a compreensão, romântica, de que a criança seria um ser naturalmente puro, ingênuo e bondoso que, aos poucos, deixa essa condição ao crescer em sociedade. Tais compreensões vêm sendo repensadas com base em um novo paradigma, no qual a infância passa a ser compreendida como uma construção social, apresentando-se de forma distinta em cada sociedade e contexto cultural.

Sendo assim, esse novo olhar trazido pela sociologia da infância, nos anos 1990, apresenta novas percepções acerca das crianças, que agora não mais se configuram como tábulas rasas ou, como nas palavras de Heywood (2004, p. 12), “receptáculos vazios e passivos dos ensinamentos dos adultos”. Torna-se possível percebermos que existem múltiplas e variadas visões sobre a infância e a criança e que essas vêm se transformando historicamente, levando a representações que convivem até hoje, gerando concepções conflitantes e passíveis de questionamentos.

Podemos perceber, partindo dessas observações, que é preciso ter cuidado e atenção com nossa visão adultocêntrica ao desejarmos ter a criança como sujeito de pesquisa, pois, dependendo do nosso ponto de vista, podemos incorrer em visões estereotipadas e limitadas que nos impedirão de ver e ouvi-la por si mesma. Logicamente, é quase impossível nos desprendermos por completo das representações constituídas ao longo de uma vida, pautadas numa visão de mundo adultoeurocêntrica. No entanto, torna-se necessário o exercício de alteridade, na busca de uma aproximação significativa com o universo infantil. Dermatini (2002) chama atenção para o fato de que é preciso levar em conta os diferentes tipos de criança e de infância, o que, evidentemente, nos leva a uma escuta sensível e a uma crítica a respeito do papel do pesquisador frente a essa heterogeneidade.

A forma da sociedade se organizar social e culturalmente influencia sobremaneira no conjunto de expressões simbólicas dos grupos sociais que se diferenciam e se contrastam de um lugar para outro. Não somente as questões sociais influenciam, mas as ambientais e climáticas, dentre outras. Uma criança ribeirinha provavelmente tem a vivência da praia, do mar, da pesca, diferentemente de uma criança urbana, que geralmente tem a vivência do shopping e do videogame, mesmo que vivam no mesmo estado ou país. Sendo assim, mesmo que se queira comparar suas experiências e vivências é preciso ter consciência de que variam de acordo com seus contextos socioculturais e que devemos considerá-las nesse processo de interação com o meio na qual estão inseridas.

Então, para cada infância e cada criança, um olhar diferente e atento, assim como uma metodologia de pesquisa adequada ao contexto em que se encontra. Francischini e Campos (2008) confirmam esta perspectiva ao assinalarem que o conceito de infância é determinado pelas condições sociohistóricas e pelas práticas discursivas que perpassam essas condições. Sendo assim, essa posição teórica determina práticas de investigação que relacionam entre si as ações humanas e as condições históricas, institucionais e culturais nas quais elas ocorrem.

Portanto, cabe ao pesquisador estar aberto à escuta sensível da criança, oportunizando caminhos para que a criança se expresse e produza discursos, sejam eles orais, sejam visuais, sobre si mesma, o outro e os eventos, de forma que possa existir a partir de seu próprio discurso, de sua maneira própria de ver e de pensar em seu contexto sociocultural.

A seguir, dialogamos com diversos autores sobre a pesquisa com crianças, no sentido de refletir sobre concepções e possíveis metodologias.

### 3 Pesquisa com crianças: concepções e metodologias

Atualmente, muito se discute sobre a pesquisa *com* crianças, refletindo se o objetivo é pesquisar *sobre* ou *com* a criança. Existe uma crescente crítica à pesquisa *sobre* a criança, exaltando a importância de se dar voz a elas, de se “ter a criança como um depoente privilegiado” (LEITE, 2008, p.120), apontando na direção de se buscar compreender e estudar a criança a partir de seu próprio ponto de vista.

Boa parte dos autores, com os quais aqui dialogamos, nos convida a aprendermos a ouvir as crianças e os jovens, afirmando que não devemos conhecê-los apenas enquanto grupos sociais distintos, mas que devemos escutá-los no sentido de podermos enfrentar juntos os variados problemas sociais que se colocam atualmente.

Para Dermatini (2002), há dois grupos de relatos referentes à pesquisa com criança: os relatos *sobre* a criança e os relatos *de* crianças. Dependendo da escolha de paradigma, os materiais produzidos terão naturezas distintas. Frisa que os relatos *sobre* a infância e *sobre* a criança são muito mais comuns do que os relatos *das* crianças. Ressalta, deste modo, que a escuta das crianças têm sido, ainda, postas em segundo plano. Gobbi (2002) também afirma a carência de estudos voltados para a criança, assegurando que, quando existem, são bastante limitados, ainda mais quando se trata de crianças bem pequenas.

Tal fato nos remete a considerar a necessidade de rompimento paradigmático, na qual encontramos respaldo em Ferreira (2008). Segundo ela, é preciso defender um novo paradigma da pesquisa com crianças, o da Sociologia da Infância, citado anteriormente, pois em boa parte das pesquisas na área das Ciências Sociais as crianças ainda são vistas como objetos onde predomina a visão do adulto pesquisador, “vendo-a como um a pessoa que age mais sob a orientação e influência dos outros, do que como sujeito agindo no mundo” (p.148) e, mesmo nos casos em que é vista como sujeito dotado de subjetividade, muitas vezes tem sua fala diminuída em virtude de suas capacidades cognitivas, como se não tivessem competência ou maturidade para expressarem suas ideias, opiniões e percepções. A autora completa essas ideias ao afirmar que

[...] mesmo em estudos que se dizem etnográficos, qualitativos e detalhados e em que o comportamento, a cultura ou a identidade são ignorados, as crianças tendem a ser estudadas de um modo restrito porque apenas são referenciadas aos objetivos predefinidos dos adultos - investigadores; ou porque se evita o envolvimento direto com/das crianças, especialmente em grupo e se negligenciam suas preocupações (FERREIRA,2008, p. 149).

Leite (2008, p. 118) aponta que “a pesquisa com crianças vem se desenvolvendo há tempos e que ainda carece de reflexão e discussão”, ressaltando a importância de se dar voz às crianças, indo contra a compreensão de que os pequenos não falam ou que não teriam condições de falar por si mesmas, de si mesmas e de seu mundo. A autora defende que é preciso ver as crianças com os sujeitos sociais, quebrando a crença equivocada de que são seres passivos, que não têm nenhuma autonomia, bem como de que a infância é uma condição homogênea, igual para todos os indivíduos.

Delgado e Müller (2008) buscam problematizar a respeito das abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças trazendo à tona a perspectiva de uma cultura da criança ou da infância, tendo como referência as teorias do antropólogo Geertz, o qual pensa a cultura como um conjunto de mecanismos de controle, dos quais o homem depende para ordenar seu comportamento. As autoras referidas partem da reflexão acerca do conceito de cultura para abordar a pesquisa etnográfica com crianças, salientando que o objetivo de buscar uma apreensão dos significados de um grupo - mais especificamente de um grupo de crianças - é necessário. Tal perspectiva leva a compreensões cada vez mais abertas e incertas, uma vez que pensamos que as crianças não são sujeitos passivos, podendo burlar regras e normas e, deste modo, constituir “verdadeiros sistemas culturais de apreensão dos significados do mundo que ainda necessitamos estudar e compreender” (p. 144).

Apesar das controvérsias teóricas em torno do conceito de cultura e, mais especificamente, do conceito de culturas infantis, torna-se necessário repensar a infância a partir de outros quadros de referência, propondo um resgate de sua autonomia através da apropriação dos seus discursos, já que “por não serem seres passivos, as crianças reproduzem a cultura dos adultos na interpretação que lhes é própria. Essa reprodução interpretativa permite configurar estes sistemas simbólicos articulados que constituem as culturas da infância” (DELGADO e MULLER, 2008, p.148).

Para Cohn (2005), também há, a partir da década de 1960, na Antropologia, a busca de formas inovadoras de pesquisa com crianças, tendo o conceito de cultura como foco de discussão. Nesta perspectiva, a criança passa a ser vista como um ser social e produtor de cultura, o que definirá sua condição social. Importante destacar que, nessa nova concepção, o enfoque deixa de ser a cultura como expressão imutável de valores, crenças ou costumes, algo dado e que pode ser facilmente observável.

Assim, temos um conceito de cultura como sistema simbólico aberto, mutante e em constante formação, portanto vinculado fortemente à linguagem. Deste modo, a partir dela

[...] se produz um discurso que identifica os sujeitos e sua cultura, vista não como uma herança de valores e ideologias, mas como um conjunto de atos, pensamentos e crenças em processo permanente de transformação. A partir das nossas construções definimos o mundo e a nós mesmos (GOLDBERG, 2004, p.66).

Adotamos a lógica de que a criança não é um ser passivo, que possui uma cultura própria e a expressa por meio da linguagem e dos símbolos, constituindo-se como um ser singular que busca seu espaço na sociedade. Portanto, merece ser vista como ator social, em constante interação com o outro e como ambiente, passando a ter um papel ativo na definição de sua própria condição.

Quando se trata de aspectos metodológicos na pesquisa com crianças, muitos autores fazem menção à importância da contribuição da etnografia, proveniente da Antropologia. Originalmente, constitui-se numa abordagem de pesquisa que objetiva o estudo de culturas exóticas ou distintas da do pesquisador, o qual precisa se inserir nestes grupos sociais e/ou comunidade a fim de estudar sua cultura. Assim,

Atualmente, diversos estudiosos das crianças têm utilizado o método da antropologia, especialmente, aquele conhecido como etnografia, entendendo ser esse o melhor meio de entendê-las em seus próprios termos porque permite uma observação direta, delas e de seus afazeres, e uma compreensão de seu ponto de vista sobre o mundo em que se inserem (COHN, 2005, p. 9).

Sendo assim, proveniente da etnografia, utiliza-se muito na pesquisa com crianças a observação, especialmente a observação participante. Nesta, o pesquisador, enquanto interage com as crianças, deve integrar-se a elas, buscando efetivar uma relação de igualdade e de confiança. Sobre a observação participante, Corsaro (2009, p. 85) afirma que “a maioria dos etnógrafos defende a observação participante, que é sustentável e comprometida, e requer que o pesquisador não apenas observe repetidamente, mas também participe como um membro do grupo”.

Rocha (2008, p.48) também destaca a importância da pesquisa do tipo etnográfico quando se trata de crianças afirmando que a etnografia permite “captar o entorno social e as experiências das crianças como agentes e com os receptores de outras instâncias sociais”. É importante, nessa perspectiva de escuta, dar atenção às ações e significações das crianças dentro do contexto de suas relações, mantendo sempre a compreensão de que há uma multiplicidade de formas de agir e significar atreladas aos diferentes contextos sociais e culturais, o que certamente exige maior



permanência no campo, assim como a necessidade de um cruzamento de procedimentos capazes de capturar diferentes expressões infantis.

Quando se trata dessa busca, vem o desenho surgir como um grande instrumento de pesquisa, utilizado largamente por pesquisadores das mais variadas áreas. Na escuta de como as crianças veem, expressam, simbolizam e representam o mundo e as relações que mantém com ele nas mais variadas esferas, pesquisadores lançam mão, dentre outros recursos, do desenho infantil, muitas vezes junto à oralidade, como afirma Gobbi (2002, p. 73), ressaltando “[...] os desenhos infantis em conjugação à oralidade como formas privilegiadas de expressão da criança”. Abordaremos no mais especificamente o desenho infantil e a pesquisa com crianças item que segue.

#### 4 O desenho infantil como recurso de fala da criança

Oriundos da área de arte, arte/educação e educação ambiental, com atuação na área de arte/educação, defendemos o desenho infantil como importante meio de expressão e representação da criança, colaborando sobremaneira sobre seu desenvolvimento nos mais variados aspectos: cognitivo, afetivo, psicológico, cultural, social e ambiental. Assim, buscamos estudar a contribuição da arte, mais especificamente do desenho infantil, para a formação da criança, seu autoconhecimento, seu estar no mundo, sua subjetivação e constituição de um universo próprio de representação, prenhe de singularidades e simbologias únicas e reveladoras de si (GOLDBERG, 2004, 2005, 2006, 2012).

Tendo em vista a importância de escutarmos a criança na pesquisa, consideramos a arte, expressão privilegiada da subjetividade, seja por meio do desenho, seja de histórias, seja de dramatização, dentre outros formatos, um meio eficaz de acesso à criança e seu universo. Desta forma, devemos nos valer da arte como recurso precioso de pesquisa junto às crianças, nas suas mais variadas expressões, pois é no processo expressivo e simbólico que a criança dá sentido e significado às suas vivências e experiências, revelando para nós muito mais do que muitas vezes podemos e conseguimos acessar com instrumentos de pesquisa mais objetivos.

Aqui, reuniremos conexões entre o desenho infantil e a pesquisa com crianças. No recorte desta paisagem tão complexa, buscamos evidenciar o desenho infantil não somente como um recurso metodológico de acesso à fala da criança, mas como elemento motriz de desenvolvimento e da constituição de si, devendo ser estimulado e preservado como elemento de expressão valioso e singular,

[...] porque o desenho é para criança uma linguagem como o gesto e a fala. A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas. (MOREIRA, 2009, p. 20).

A criança que desenha geralmente se conta no espaço do papel, narra visualmente suas vivências e experiências, dando forma e conteúdo ao seu existir no mundo. Na verdade,

[...] desenhos infantis são palavras; ao desenhar, a criança expressa coisa bem diferente do que sua inteligência ou seu nível de desenvolvimento mental: uma espécie de projeção da sua própria existência e da dos outros (...) da maneira pela qual se sente existir, e sente os outros existirem (PORCHER, 1973, P. 108).

O desenho infantil, muitas vezes tão menosprezado nos espaços escolares e pela sociedade em geral, guarda em si um mundo rico em simbolizações, constituindo singularidades, expressando ideias, sentimentos, sensações e desejos. “Esta produção simbólica constitui um dos registros privilegiados da expressão da criança, em que, através da linguagem plástica, ela lança mão dos signos visuais para representar sua visão de mundo [...]” (GOUVEA, 2008, p.113).

Muitas vezes vemos a criança mostrando seus desenhos aos adultos, que nem sempre param para ver e ouvir. Muitas vezes não dão atenção a esse momento, sem perceber que ali, naquele simples papel, há todo um universo a compreender. Se o adulto ouvisse e visse verdadeiramente as produções gráficas e os relatos orais gerados no espaço do desenho, saberia tantas coisas sobre as crianças que nunca imaginaria. É preciso dar atenção consciente às crianças, dialogar e ouvir o que elas têm a contar, como percebem o mundo e como se vêem nesse mundo. Assim, “ouvir a voz das crianças” designa uma postura dialógica perante elas, atenta às suas diversificadas formas de expressão. É nessa constatação que Sarmento (2011, p. 28-29) defende que:

O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita (na verdade, precede mesmo a comunicação oral, dado que os bebês rabiscam antes ainda de articularem as primeiras palavras). Depois, porque o desenho

infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo acto de inscrição – articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural. Nesse sentido o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer.

Assim, o desenho infantil se configura como elemento privilegiado de expressão e de representação, sendo, portanto, elemento de extrema importância àqueles que desejam pesquisar questões relacionadas ao universo infantil.

Defendemos que o desenho infantil se configura num espaço de acesso a esses símbolos produzidos pela criança que, muitas vezes, não encontram caminhos de expressão no discurso oral, os quais são de extrema importância para a promoção das experiências e vivências adquiridas.

Mèredieu (2004, p. 14) afirma que a linguagem gráfica infantil se caracteriza como um modo de expressão próprio da criança, podendo constituir “uma língua que possui seu vocabulário e sua sintaxe”. Continuando, a autora confirma que a criança possui um repertório de signos gráficos, emblemáticos, aparecendo de modo semelhante nas produções infantis, a despeito das variações próprias de cada idade. Assim, é como se a criança possuísse um vocabulário plástico, que constitui uma verdadeira gramática dos signos básicos do desenho. O grafismo infantil é narrativo e figurativo. Deste modo, é possível afirmar que os desenhos narram e procuram transmitir mensagens do universo em que a criança está inserida.

Gobbi (2002) vem desenvolvendo pesquisas com crianças pequenas na área das Ciências Sociais e da História, debruçando-se sobre o desenho infantil atrelado à oralidade. Deste modo, reafirma nossa perspectiva de que “(...) as crianças pequenas são portadoras e criadoras de cultura, desenhistas, falantes, sujeitos de sua história e cujas produções devem ser conhecidas, valorizadas, respeitadas” (p.73). Por se tratar de uma expressão particular da criança, pesquisar a partir do desenho infantil requer uma série de cuidados que vão desde um conhecimento básico a respeito do desenho infantil e de como ele se manifesta nas diferentes idades.

Desde o início dos estudos do desenho infantil e, para a maioria dos pesquisadores subsequentes, como Luquet (1969), Lowenfel de Brittain (1970), Kellogg (1985), Derdyk (1989), Peralta (1998), Mèredieu (2004) e Iavelberg (2008), entre outros, o desenho infantil inicia com os primeiros rabiscos e vai evoluindo por meio de fases ligadas aos estágios de desenvolvimento. Cada autor varia nas denominações, com semelhanças entre os estágios, buscando avançar no entendimento dessa linguagem para o desenvolvimento infantil. Tais classificações variam entre aspectos sociais, psicológicos, culturais, cognitivos e pedagógicos – conhecimentos que, apesar de não serem estanques ou cristalizados, devem ser considerados de extrema importância para os pais e/ou educadores em geral, que lidam com a criança para evitar equívocos na interação com suas produções gráficas.

A primeira etapa da evolução do grafismo, as ‘garatujas’, segundo Lowenfeld e Brittain (1970), entre outros autores, são os primeiros rabiscos, em que a criança experimenta puro movimento e tem grande prazer nesse exercício. Os rabiscos não querem representar nada além de puro movimento. Neste caso, é essencial recorrer à oralidade, conversar com a criança enquanto desenha ou depois, sobre o desenho. Não podemos esquecer que, por mais que não haja representação, pode haver intenção e troca de informações sobre os mais variados temas vivenciados pela criança.

Outro aspecto importante, diz respeito ao auxílio que a oralidade pode trazer ao pesquisador adulto. Muitas vezes os desenhos trazem questões que não são facilmente identificáveis, requerendo uma leitura visual mais profunda, demandando uma educação do olhar do adulto.

Somente a partir dos três anos de idade, aproximadamente, a criança começa seus primeiros esboços de representação, passando a nomeá-los e contar histórias. Esta fase é fundamental para o desenvolvimento infantil. À medida que a criança vai se desenvolvendo e aprendendo, aproxima-se cada vez mais da representação da realidade. Importante lidar com o desenho, nessa fase, de forma espontânea, buscando não pressionar a criança para que represente algo. A exigência pode inibi-la, muito mais do que facilitar sua expressão.

Além de compreender como a criança se expressa por meio do desenho é importante atentar para uma variedade de resultados que podem ser obtidos por meio da expressão gráfica. Os desenhos se configuram como fontes importantes de pesquisa, revelando os olhares infantis, escrevendo suas realidades, possibilitando, dentre outras contribuições, tomadas de decisão política na prevenção e na garantia dos direitos das crianças. É a partir desta configuração que Gobbi (2002) defende a importância do desenho como documento histórico, como informante sobre determinação dos contextos, e sobre a realidade da criança e da infância em contextos concretos.

Cabe aqui também lançar mão de vários questionamentos importantes que surgem quando se tem o desenho infantil como fonte de pesquisa: como proporcionar o processo de criação do desenho? O processo de criação do

desenho é importante ou interessa apenas o resultado final? Que questões deverão ser respondidas pelos desenhos? Como analisar um desenho infantil? Como evitar que nosso olhar adulto controle o processo interpretativo dos desenhos? É preciso conhecer mais sobre o desenho e seu desenvolvimento para entender melhor o desenho da criança? Ressaltamos, no entanto, que não nos deteremos a discutir possíveis respostas a tais indagações. Por hora, nosso intuito maior é apresentar o desenho infantil como possibilidade de escuta da criança.

É importante ressaltar que, ao apresentarmos fases de desenvolvimento do desenho da criança, não significa afirmar que são processos obrigatórios, estanques ou pré-definidos, mas que nos permitem dialogar com variadas pesquisas já realizadas no universo do desenho infantil (Luquet (1969), Lowenfel de Brittain(1970), Kellogg (1985), Derdyk (1989), Peralta (1998), Mèredieu (2004), Iavelberg (2008), entre outros). Considerar tais estudos é observar que existem processos cognitivos e gráficos estudados por variados pesquisadores e que devem ser levados em conta no sentido de evitar erros e olhares equivocados sobre a produção das crianças. O estudo das fases de desenvolvimento do desenho infantil pode auxiliar na compreensão, mas jamais deve ser visto ou colocado, arbitrariamente, como norma ou regra para a escuta das crianças no sentido de enquadrá-las, compará-las ou classificá-las.

No sentido geral, concordamos com Sarmiento (2011), que afirma que o desenho é muito mais do que um processo biopsicológico do desenvolvimento da criança pelo qual perpassa a interpretação, a inteligibilidade do mundo. Desta forma, “os desenhos são, de algum modo, formas de exploração do real e processos constitutivos da sua compreensão” (p. 40).

Sem concluir, podemos destacar que a pesquisa com crianças, na atualidade, busca um novo olhar sobre a infância, ou melhor, reconhece que há muitas infâncias e muitas crianças e que é preciso ouvi-las, percebê-las como seres ativos e produtores de cultura. Essa é a grande contribuição que os autores e autoras deixam, entre outros apontamentos tão ricos e valiosos para quem pretende mergulhar nesse assunto. “Dar voz” à criança, dar espaço para que ela se expresse, para que represente, fale e grite, é dar oportunidade a quem se manteve calado por tanto tempo por ser considerado incapaz ou menos importante. Nesse horizonte, o desenho infantil se configura, seja sozinho, seja junto à oralidade, como um importante recurso de pesquisa que deve ser preservado, estimulado e valorizado, pois a partir dele a criança não só se conta, mas imagina, brinca, sonha e projeta seu futuro.

Como já expomos aqui, a cada criança um universo único, complexo, singular e original. Portanto, cada desenho é uma forma única de expressão dessa singularidade, sem a pretensão de controle e cristalização desse processo. Tudo nos escaparia se tentássemos guardar os passarinhos desenhados nas gaiolas da razão e nosso querido Manoel de Barros não nos deixa esquecer jamais da importância desse “ser criança cheio de não explicações”.

## 5 Considerações finais

Tentando concluir este artigo, longe de esgotar assunto tão vasto, podemos destacar que a pesquisa com crianças, na atualidade, busca um novo olhar sobre a infância. Reconhece que há muitas infâncias e muitas crianças e que é preciso ouvi-las e percebê-las como seres ativos e produtores de cultura.

A partir da contribuição essencial da sociologia e da antropologia da infância, fica clara a necessidade de escutar a criança dentro de seu contexto específico e concreto de existência, quebrando o paradigma adultocêntrico. A cultura da infância urge ser vista, escutada e valorizada. Neste prisma, o desenho infantil configura-se como um instrumento valioso para a visibilização do ponto de vista da criança, de modo que defendemos o desenho como um importante recurso de pesquisa, que deve ser preservado, estimulado e valorizado. Não podemos esquecer que, através da expressão gráfica, a criança não só se conta, mas imagina, brinca, sonha e projeta seu futuro.

Finalmente, à guisa de conclusão, se é que seja possível concluir, retomamos Manoel de Barros (2006, p. 25) para falar por nós sobre a infância: “Tenho um lastro da infância, tudo o que a gente é mais tarde vem da infância” A criança, então, para o poeta, não é um ser ingênuo e incompetente, mas, sim, inquieto, inventivo e transgressor, capaz de criar um mundo inserido no mundo maior. Usamos Scotton (2006, p.48) para nos fazer mais claras: “E, para o poeta, é nas nossas ‘raízes cranceiras’ que está a chave para se compreender a criança, para agir sobre a história. É naquilo que o adulto considera desrazão, absurdo e insensatez na criança que o poeta encontra sabedoria”.

## 6 Referências

- BARROS, M. de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006. COHN, C. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CORSARO, W. A. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças.

- In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana. *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogo com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.
- DELGADO, A. C.; MÜLLER, F. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, S.(Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.
- DERDYK, E. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.
- DERMATINI, Zeila de Brito. Infância, pesquisa e relatos orais. In: \_\_\_\_\_; PRADO, P. *Por uma cultura da infância*. Lisboa: Autores Associados, 2002. cap 1.
- FERREIRA, M. M. M. “Branco demais” ou... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. de (Orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 143-162.
- FRANCISCHINI, R.; CAMPOS, H. Crianças e infância, sujeitos de investigação: bases teórico-metodológicas. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GOBBI, M. Desenho Infantil e Oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In: DEMARTINI, Z; FARIA, A e PRADO, P. *Por uma cultura da infância*, Lisboa: Autores Associados, 2002. cap 4.
- GOLDBERG, L. G. *Arte-Educação-Ambiental: o despertar da consciência estética e a formação de um imaginário ambiental na perspectiva de uma ONG*. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental)- Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Arte-Educação-Ambiental: o resgate da singularidade e a formação de um imaginário ambiental*. In: PAZ, R. J. da (Org.). *Fundamentos, reflexões e experiências em Educação Ambiental*. João Pessoa: Ed.Universitária/ UFPB, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Histórias desenhadas: desenho infantil e formação humana*. In: OLINDA, E. M. B. De (Org.). *Artes do Sentir: trajetórias de vida em formação*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- \_\_\_\_\_ et al. O desenho infantil na ótica do desenvolvimento humano. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.10, n.1, p.97-106, jan/abr. 2005.
- GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. de (Orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- IABELBERG, R. *O desenho cultivado da criança: prática e formação de professores*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- KELLOG, R. *Analisis dela expresion plastica del pre escolar*. 3. ed. Espanha: CINCEL: 1985.
- KOHAN, W. O. *Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LEITE, M. I. Espaços de narrativas: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, S.(Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.
- LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- LUQUET, G. H. *O desenho infantil*. Porto: Civilização, 1969.
- MÈREDIEU, F. de. *O desenho infantil*. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOREIRA, A. A. A. *O espaço do desenho: a educação do educador*. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- PORCHER, L. *Educação artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1973.
- ROCHA, E. A. C. Porque ouvir as crianças? algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S. (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.
- SARMENTO, M. J. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: FILHO, A. J. M.; PRADO, P. D. (Org.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas: Autores Associados, 2011. cap 2.
- SCOTTON, M. T. A representação da infância na poesia de Manoel de Barros. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 12, n. 67, p. 49-57, 2006. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt07/t075.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

**Data de submissão:** 05/08/2017

**Data de aceite:** 17/10/2017